

Noite: Uma Sociedade Oculta

Maria Eunice Moreira
PUCRS

Em 1954, quando um gaúcho de São Borja espantava o Brasil cometendo suicídio, outro gaúcho - de Cruz Alta - alheio a políticas, lançava discretamente um romance, na Capital de seu Estado. O primeiro deles era Getúlio Vargas. O segundo, Erico Verissimo.

Em lugar de interromper a vida para entrar na História, como escrevia o político, o escritor preferia interromper o projeto literário de *O tempo e o vento*, para escrever *Noite*, uma novela onde descreve a cidade de Porto Alegre, numa única noite.

A capital gaúcha, para onde o romancista se transferira no início dos anos da década de trinta, à procura de emprego, fora o cenário preferido para o desenvolvimento de muitos de seus romances até então escritos: *Clarissa*, *Caminhos cruzados*, *Um lugar ao sol*, *Olhai os lírios do campo* e *O resto é silêncio*, oferecem uma fotografia da cidade, lugar onde se desenvolvem os conflitos e as desavenças dos homens que lutam por maior justiça social. A luta de Clarrisa e Vasco, Fernanda e Noel, Alvaro Bruno e Scixas, Olfívia e Eugênio, retrata o combate diário e obscuro para determinar seus lugares numa sociedade dividida por toda a sorte de problemas: preconceitos morais, discriminações econômicas, abismos de classe.

Em busca da solução de seus conflitos íntimos, as personagens de Erico movimentam-se numa cidade que, em tudo, reflete a sua beleza, o seu colorido e o seu esplendor. Porto Alegre dessa fase mostra-se na sua claridade, na sua exterioridade. Bairros, ruas, praças, esquinas e parques tomam conta das narrativas e são iluminados pela mão do escritor que consegue, com a palavra, pintar a cidade nos seus matizes mais diferentes. É assim que Porto Alegre, amanhece, floresce, entardece e anoitece. É assim que Porto Alegre tinge-se de amarelo, adquire contornos laranja ou reveste-se de tons lilás. Dias, meses, estações do ano são apresentados numa gama de colorações da qual a cena de abertura de *O resto é silêncio* é exemplar:

Há um tom verde, que encontramos às vezes nos céus de certos quadros - um verde aguado, duma pureza de cristal, transparente e frio como um lago nórdico - um verde tão remoto, sereno e perfeito, que parece nada ter de comum com as coisas terrenas.

*Ao cair da tarde os tons de roxo que assombraram o interior dos templos, alastram-se pela paisagem, alcançaram as montanhas do outro lado do Guaíba, tingiram águas, sombras, distâncias, e ficaram suspensos sobre os telhados numa poeira lilás. Um observador atento verificaria que até os rostos e as mãos das pessoas andavam tocados de fugazes reflexos violáceos.*¹

O cromatismo utilizado pelo romancista colore a paisagem porto-alegrense, dando conta de suas diferentes tonalidades ao longo do dia, como na passagem acima, mas constitui também recurso pelo qual o narrador procura revelar o estado de espírito de suas personagens. Nas páginas de abertura do romance mencionado, o ajuntamento entre os sentimentos humanos e os tons do cenário é assim anotado pelo romancista:

*A paisagem como que ia adquirindo aos poucos uma certa maturidade, e as criaturas humanas pareciam finalmente em paz com o céu e a terra. Havia entre elas e a natureza um acordo espontâneo, uma repousada harmonia, uma aceitação mútua e sem reservas.*²

Escrevendo suas histórias ficcionais com tal singeleza e simplicidade, Erico aproximava-se do público que aguardava, com ansiedade a conclusão do seu projeto literário mais ousado: a de *O tempo e o vento*. Contudo, se o escritor provinciano encantava aos leitores, sendo admirado por muitos e considerado o maior romancista do Brasil, a crítica especializada o detratava, observando nela dois defeitos capitais: a obra de Erico choca, mas não incentiva a transformação, a revolução social, de um lado, e, de outro a debilidade e a fraqueza de suas personagens eram assinaladas pelos especialistas, que também cobravam dele seu distanciamento ao "terror".

Paralelamente ao problema literário em que Erico se transforma para a crítica, o contador de histórias é também um problema ideológico. Sem estar vinculado a partidos ou escolas políticas, o escritor gaúcho transita no meio-fio de um período agitado politicamente: os esquerdistas o acusavam de pequeno burguês e a polícia o persegue como esquerdista, violentando a natureza de ficcionista que ele é e deseja ser.

Se essas questões alteram a atitude de Erico para com a literatura, nada se pode constatar sem uma pesquisa mais profunda. O certo é que em 1941, o romancista lançara *O resto é silêncio* e só voltaria a publicar em 1949, quando aparece o primeiro tomo de *O tempo e o vento*. *O continente*, volume de abertura da trilogia, rompe o silêncio de seu discurso ficcional, após dezoito

anos, mas afirma sua posição junto à crítica especializada. Finalmente, Erico Verissimo recebe a validação dos críticos que encontram, na obra, o tratamento ao terrunho e a solidez dos tipos humanos, como vinha exigindo. Moisés Vellinho, que já lhe dirigira observações negativas, acerta o passo com o escritor e reconhece sua importância:

*Se Erico Verissimo, descontados alguns senões, venceu vigorosamente com *O tempo e o vento*, sobretudo no primeiro tomo, obra que se alça sem favor, como um dos acontecimentos realmente consideráveis da moderna novelística brasileira, foi porque se deixou impregnar se fez portador das vozes de uma tradição que tem na eloquência própria, a eloquência que o tempo emprestou aos feitos de uma raça de pioneiros e conquistadores.*³

A partir de 1949 e ao longo de um período de treze anos que separa o aparecimento do primeiro volume até o lançamento do último, em 1962, os leitores de Erico irão, paulatinamente, vivendo as aventuras, os romances e a história dos habitantes do Continente de São Pedro. Ana Terra, Pedro Missioneiro, Bibiana e Capitão Rodrigo vivem os seus envoltórios na imaginação Santa Fé, no novo universo ficcional criado pelo romancista. Encerra-se o "ciclo de Porto Alegre", como ficara conhecida a primeira fase literária do escritor, cujos romances ambientavam-se na capital do Estado, mas Erico continuaria a imprimir uma atmosfera solar ao seu mundo de ficção. Em *O continente*, tudo é amplo e original: as batalhas desenvolvem-se nas dobras das coxilhas, o amor floresce na amplitude dos campos e a vida transcorre em íntimo contato com as forças mágicas da natureza. A cena de abertura da obra retoma a claridade, a limpidez e a plasticidade dos romances já publicados, quando o narrador escreve nas primeiras linhas:

*Era uma noite fria de lua cheia. As estrelas cintilavam sobre a cidade de Santa Fé, que de tão quieta e deserta parecia um cemitério abandonado. Era tanto o silêncio e tão leve o ar, que se alguém aguçasse o ouvido talvez pudesse até escutar o sereno na solidão.*⁴

A quietude de Santa Fé será, imediatamente quebrada pela ação de suas personagens que se movimentam em torno de duas facções, na guerra civil de 1893. Preparando o leitor, neste momento, para acompanhá-lo pelas páginas de *O tempo e o vento*, Erico iria conduzi-los a uma aventura literária

1 VERISSIMO, Erico. *O resto é silêncio*. Porto Alegre: Globo, 1943. p. 11-12.

2 Idem, p. 11.

3 VELLINHO, Moisés. Uma aventura noturna. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, 20: 141-5, 1955.

4 VERISSIMO, Erico. *O continente*. São Paulo, Círculo do Livro, s.d. p. 9.

que vinha tomando conta de seus pensamentos desde 1939, quando confessa ter tido a inclinação para escrever um longo romance sobre a sua terra.

Todavia, se essas idéias germinam na cabeça do ficcionista, parecendo serem suficientes para ocupá-lo durante os quase vinte anos que se dedica à elaboração de *O tempo e o vento* (de 1939 a 1962) elas não consomem integralmente sua capacidade criadora. Em 1954, em pleno período de escrita da história dos Amarais e Cambarás, Erico, como já se disse, lançando a novela *Noite*, e suspendendo a atenção de seus leitores e da crítica, voltados, no momento, a seus encontros com personagens já familiares.

Noite é um livro surpreendente não só porque interrompe o processo de criação do autor, mas, principalmente, porque se apresenta como um texto diferente em relação aos outros livros do escritor. Ao invés da multiplicidade de personagens e da estrutura sinfônica de *O continente*, a narrativa de *Noite* desdobra-se sobre uma única personagem, concentrado sobre ela toda a ação. Em lugar da profusão dos nomes e das teias familiares que caracterizam seus romances, a novela recém publicada abdica da identificação da personagem para denominá-la apenas - Desconhecido. Em substituição à descrição luminosa dos ambientes à luz do dia, o novo livro desenrola a sua ação durante a noite, introduzindo elementos mórbidos e assustadores, numa atmosfera cinzenta e oculta.

Tal mudança de rumo desconcertou o público leitor de Erico que não aceitou facilmente a narrativa que os afastava do fluxo de *O tempo e o vento*. A crítica literária silenciou: mais uma vez, o romancista deixava seus críticos perplexos e a resposta desses era o silêncio. *Noite* foi um livro pouco comentado, fato que se constata até hoje, quando a crítica recupera a produção ficcional de Erico. Dentre os raros críticos que dispensaram sua atenção ao texto, ressalta-se Moysés Vellinho, que escreveu um artigo nas páginas da Revista *Provincia* de São Paulo, publicando-o um ano após o lançamento da novela.

Para Vellinho, essa aventura noturna, como intitula seu estudo, é "sem dúvida, um livro desconcertante", e conclui que

*na sua informe perplexidade, o Desconhecido parece traduzir, sob forma angustiante, o drama opressivo do homem que não deparou na sua busca introspectiva, por carência de senso metafísico, nenhum motivo profundo de afirmação, nada que lhe assegurasse não ser substancialmente arbitrária a distinção entre o bem e o mal. Creio que essa sensação de vazio interior, de irremediável desamparo, está magnificamente simbolizada pelo homem que se extraviou de si mesmo e é como se carregasse a noite dentro dele.*⁵

5 VELLINHO, Moysés. Op. cit. nota n. 3.

Examinando a narrativa sob o ponto de vista psicanalítico, o crítico de *Letras da Provincia* apresenta uma posição plenamente justificada, apontando para o drama individual do cidadão reificado na cidade. A jornada pela noite, nesta perspectiva, transforma-se numa viagem em busca de si mesmo, motivo insistente na tradição literária ocidental.

No entanto a proposta de Vellinho, se coerente com o desenrolar da narrativa, parece não atentar para outros dados que, em minha opinião, deveriam ser buscados e que me impelem a formular as seguintes interrogações: Por que Erico interrompe o projeto literário audacioso no qual estava envolvido para escrever esta novela? Por que Erico retoma o espaço urbano (Porto Alegre, talvez) do qual a crítica já determinava sua completude e coloca o Desconhecido em meio à vida de uma cidade, durante a noite? Por que, principalmente, a narrativa abandona a claridade e o brilho para nela estabelecer o crepúsculo e a escuridão? E por que, finalmente (e não me parece absurdo pensar) Erico apresenta *Noite* num ano cinzento da vida nacional, quando conjunturas políticas são urdidas nos labirintos dos palácios? As indagações são difíceis de serem respondidas, mas levam a uma outra leitura da novela, que exige, primeiramente, uma recuperação da narrativa.

Noite relata uma série de aventuras do submundo urbano durante uma única noite, vividas por um homem anônimo que se encontra em estado de amnésia e na companhia de dois excêntricos e marginais - um anão corcunda e um cáften, o homem do cravo vermelho. O clima opressivo e cinzento de um cenário lúgubre e oculto de todos, joga o leitor

*num território crepuscular, povoado de vozes e vultos vagos, iluminado de quando em quando por súbitos e inexplicáveis clarões.*⁶

A narrativa desenvolve-se linearmente a partir da situação inicial do protagonista, perdido entre a multidão, na esquina de uma movimentada avenida:

*Ninguém lhe prestou maior atenção, pois naquele local e hora - uma esquina da avenida principal da cidade: oito da noite - ele era apenas uma das muitas centenas de criaturas humanas que se moviam nas calçadas.*⁷

Desorientado, o Desconhecido, com sua roupa de tropical gris, foge sem direção pelas ruas da cidade, passando por vários locais sórbidos, onde

6 VERISSIMO, Erico. *Noite*. Porto Alegre: Globo, 1987. p. 12.

7 Idem, p. 1.

predominam o escuro e o difuso: "uma rua estreita e sombria"⁸, ambientes de "atmosfera viciada e sufocante"⁹, quartos "alumiados por lâmpadas veladas"¹⁰, "um parque sombrio, que dava uma impressão de mata virgem"¹¹.

A caminhada desse homem perdido, juntamente com seus acompanhantes, vai revelando a face oculta da metrópole quando a noite joga a rua "claridade" sobre os espaços malditos. Numa seqüência, o Desconhecido visita os seguintes locais:

- um café restaurante
- um beco na zona portuária
- uma casa de velório
- uma igreja em festa
- um bordel
- um hospital de primeiros socorros
- um cabaré
- uma casa de prostitutas

É no primeiro espaço, o café restaurante "Girassol dos Oceanos", cujo nome é tão absurdo como a vida de seus frequentadores, que o homem de gris encontra seus companheiros e recebe a proposta para uma noite inesquecível. O convite do anão define as credenciais com que cada elemento realizará o percurso:

*Você tem o dinheiro e nós temos a experiência. Vamos fazer uma grande farrá. Conhecemos todas as bibocas da cidade.*¹²

A dependência do Desconhecido está justificada, pois que, donos da noite, cabe a eles guiá-lo pelos meandros da cidade. Enquanto, durante o dia, o homem de gris cumpre o modelo rotineiro e seguro de sua vida - compromissos profissionais, sociais e familiares, divididos pelas horas do dia - a noite requer outros referenciais, desconhecidos para ele. A caminhada noturna, que agora se inicia, o coloca em frente a situações problemáticas do ser humano: não ter nome, não ter identidade e viver no anonimato das massas. No contato com as figuras excêntricas e marginais, o Desconhecido perceberá a relatividade das coisas e dos valores.

8 Idem, p. 12.

9 Idem, p. 32.

10 Idem, p. 35.

11 Idem, p. 57.

12 Idem, p. 25.

Curiosamente, o anão-corcunda é um artista da noite, nela buscando modelos não convencionais, pois, como afirma,

*detesto retratar gente feliz. Só me interessam os que sofrem, os que têm um problema, os que vivem acuados... Está me ouvindo? Acuados!*¹³

Esteta, mas ele próprio deformado, o corcunda tem concepções que invertem a perspectiva das aparentes "verdades" da sociedade: a dor e a morte, para ele, devem ser representados pela arte; a burguesia corrompida enaltece as prostitutas e os marinheiros como classe social; a guerra transforma-se em fonte de lucro para os capitalistas, como o comendador adúltero da novela.

Dentro dessa ótica, o anão venera o cáften a quem chama "o meu príncipe", e aguarda com expectativa, aquele homem de "elegância exagerada de ator, roupa de sarja azul-marinho, muito bem cortada, camisa branca, gravata grená, chapéu de feltro negro e sapatos de duas cores".¹⁴ Ex-seminarista, expulso da congregação, o cáften serve-se dos conhecimentos bíblicos adquiridos para fomentar a prostituição e o adultério, recitando o *Cântico dos cânticos*.

Imorais e corruptos à luz do código moral da sociedade burguesa, duplos bizarros - anão/esteta e cáften/ex-seminarista - ambos demonstram que seus valores morais regem-se por outros parâmetros. Para o homem do cravo vermelho, por exemplo, é incompreensível a atitude da ciência oficial que recusa o exame do fenômeno dos transe mediúnicos observados no anão, como, em sua opinião, é parcial a Bíblia, porque o livro sagrado pende para o lado do bem, quando a sombra do mal infiltra-se em suas páginas.

Uma poética da inverção parece instaurar-se em outros níveis, ao longo da narrativa, alterando a perspectiva comum ou valor das referências, preconizadas à luz do dia. Duas situações distintas, observadas ao longo do texto, podem servir de exemplo para o reconhecimento dessa situação. A primeira diz respeito ao homossexual Vaga-lume, dono da boate "Girassol dos Oceanos". Em seu estabelecimento, transitam filhos de famílias da alta burguesia e empregadinhos do comércio, em busca da iniciação pelas aventuras noturnas. Responsável pela educação desses jovens, Vaga-lume é caracterizado pelo cáften com títulos honoríficos: benemérito, mártir e, até mesmo, educador.

- É um encanto de criatura - comentou o mestre. - Um benemérito, o mártir duma causa condenada. Por que não

13 Idem, p. 19.

14 Idem, p. 23.

*erguem estátuas a heróis dessa espécie? Por que não glorificam e perpetuam o nome de santos, generais, cientistas, escritores, estadistas, educadores? E por que não consideram também o Vaga-lume um educador... à sua maneira?*¹⁵

A inconformidade com a falta de reconhecimento de Vaga-lume pela sociedade define a atitude do homem do cravo vermelho que, indignado, compromete-se a reverter a história dessa figura:

*- Quando eu ficar velho e tiver vagares (...) acho que vou escrever a biografia do Vaga-lume, tentar a sua reabilitação perante a sociedade. Será um nobre empreendimento.*¹⁶

A segunda situação pode ser descrita no Pronto Socorro, onde o movimento noturno parece contradizer a calma contida na noite. A situação estabelece-se num paradoxo: enquanto a maioria da população dorme, coisas indescritíveis acontecem no interior do hospital. Sintomática dessa fermentação é o diálogo entre o cáfeten e o médico responsável pela instituição. Quando o primeiro pergunta:

- Como vai a noite? Morta?,

o médico oferece a contrapartida com o relato da efervescência dos acontecimentos:

*- Qual! Uma das mais movimentadas. Há pouco entraram as últimas dum desastre de automóvel. Duas morreram. Tenho aqui um rapaz com fratura na base do crânio, provavelmente um caso perdido. E dois sujeitos com ferimentos leves, mas em estado de choque.*¹⁷

O inusitado transparece no jogo vida/morte, quando a segunda é garantida para reafirmação da primeira, ou melhor, a morte presente nos corredores garante a energia vital, acionada para estancar a segunda, pela mão de médicos e funcionários.

A possibilidade de focar sob perspectivas diferentes o mundo que o dia condena, leva o romancista a criar novas oportunidades para apresentar os fatos dentro de sua relatividade. Quando os três homens que percorrem a noite chegam ao átrio de uma igreja, onde se realiza uma quermesse, encontram o pobre envolvido com um sujeito, conhecido por sua ociosidade, que

¹⁵ Idem, p. 84 - 5.

¹⁶ Idem, p. 85.

¹⁷ Idem, p. 77.

tenta ocupar o lugar de um pagante na cadeira do carrossel. Indignado, o sacerdote o retira do assento, resumindo sua observação sobre o fato: "A ociosidade é a mãe de todos os vícios. Podemos esperar todo o mal dum homem desocupado, pois em verdade vos digo que é dessa massa que se fazem os criminosos". A réplica ao sacerdote vem imediatamente das palavras do Desconhecido, que completa a frase moralista, com seu contrário: - "E os santos."¹⁸ Pronunciados pelo homem de gris, elas provocam a reação do padre, mas suscitam também no leitor de Erico uma reflexão sobre a inoperância de uma outra categoria - os santos - que, analisados sob a ótica não-cristã, remetem ao "dolce far niente".

Se santos e criminosos são modelados com a mesma matéria, não parece ser difícil entender por que o comendador capitalista transforma-se em marginal, à noite. Ao expressar sua idéia sobre a guerra, enquanto aguarda a chegada da moça contratada por uma cafetina, o homem de negócios manifesta-se pela defesa da guerra, para ele, negócio tão lucrativo e sacrificado como outro qualquer. Em sua ótica, aliás, os capitalistas pertencem a "uma classe sacrificada:

*Impostos de todos os lados, contribuições decorrentes das leis sociais e mais impostos e contínuos aumentos de salários! Temos um lucro mínimo a par de riscos fabulosos.*¹⁹

E, sentindo-se perseguido pela sociedade em geral, desabafa:

*No entanto somos o etemo alvo da má vontade das massas e o bode-expiatório dos demagogos.*²⁰

Mais uma vez, Noite instaura uma duplicidade para apontar ou sugerir que nada tem um lugar determinado ou que ninguém possui uma única face. O que determina a aparência é o ângulo com que se mira um acontecimento, uma situação e, obviamente, a própria pessoa. Trata-se, aqui, de pensar na proposta junquiana, aplicada para conhecimento do ser: à face visível junta-se a outra, e a invisível, a sombra, segundo Jung, tão reveladora quanto a primeira.

Seguindo essa perspectiva, a noite não se caracteriza pela ausência ou diminuição de luz, porque tudo nela permanece oculto e apagado. Ao contrário, a noite equilibra-se com o dia, ampliando a extensão da claridade para a duração de vinte e quatro horas.

Logo, a noite deve ser entendida como o oposto do dia, apenas no jogo claro/escuro, porquanto ela é seu complementar. A noite, então, não é ins-

¹⁸ Idem, p. 55.

¹⁹ Idem, p. 68.

²⁰ Idem, p. 68.

tauradora da desordem, mas desveladora de uma nova disposição, onde a escuridão se introduz para "iluminar" a parte oculta, o invisível. E a inversão das situações e das personagens, põe em jogo o lado duplo da vida, revelando o outro ângulo, a outra faceta, que também constitui o "cosmos facial". Erico não poderia abarcar a totalidade do universo urbano, de um lado e de outro, se não escrevesse sobre o espaço da cidade em sua fermentação noturna. Como recriar o ambiente de um bordel, o movimento de uma casa de prostitutas, a "frottoir" na zona portuária iluminados pela claridade do dia? Coerente com seu papel de ficcionista Erico só poderia mimetizar este outro lado da sociedade no momento em que ele se manifestasse, ou melhor, se mostrasse para os olhos dessa mesma sociedade.

Noite é, portanto, o livro que revela a face oculta da cidade e o rosto obscuro de seus habitantes. Noite vincula-se às narrativas de investigação minuciosa da vida urbana e da mentalidade de seus habitantes. Assim, se há uma cidade transparente e clara, iluminada pela luz do dia, há outra, escura e monstruosa, abafada e gris, que deve ser trazida à tona, pois também nela vive o ser humano. Noite é parte de um projeto mais amplo do escritor que corre paralelamente àquele que objetiva a escrita da história ficcional de seu Estado, em *O tempo e o vento*. Noite é o título de fechamento de um ciclo, o livro que faltava para completar o olhar do romancista sobre a cidade de Porto Alegre.

Essa primeira conclusão a que se pode chegar sobre a novela de Erico, diz respeito a sua posição no conjunto da obra literária de seu autor. Contudo, *Noite* parece encerrar outra proposta do romancista, a partir da caminhada desse Desconhecido, por um centro urbano sem denominação. A trajetória por seus lugares insólitos, durante o período noturno, enfrentada em companhia dos dois companheiros extravagantes, transforma o romance num espaço onde não domina a verdade absoluta, nem as sínteses totalizantes. Ao contrário, no âmbito da ficção, o absoluto cede lugar ao relativo e nada, nem ninguém, é dono da verdade. Dependendo do ângulo ou da mirada com que se ajusta o olhar, as coisas tomam outra dimensão e é por isso que o corcundo transforma-se em esteta, o homossexual pervertido em educador, e a morte significa vida.

Se uma tese domina o romance é a de que a vida e os homens são constituídos por seus duplos e não basta olhá-los apenas pelo ângulo "do dia", para buscar compreendê-lo, mas desvelar o seu outro lado, o da "noite", que nada tem de oculto, apenas se encontra encoberto. Esta parece ser, a proposta do romancista: não está definido, tudo é e pode não ser, dependendo da visão ou do olhar do sujeito interpretante.

Aceita essa premissa, por assim dizer, fica mais fácil entender a opção do romancista por esse elenco novo de personagens que a todos surpreende: cada um possui uma face visível à qual deve ser somada sua face invisível. Na sua metade visível ou consciente, o Desconhecido é um funcionário cumpridor e exemplar; mas, na sua parte invisível, ele é o homem que tenta en-

tender o mecanismo de funcionamento de uma sociedade que, como ele, também possui duas faces.

Talvez seja por isso que a crítica tenha se encaminhado para uma interpretação psicanalítica do Desconhecido, reconhecendo nele o ser humano que se defronta com a absurda engrenagem imposta pela vida. Como esse mecanismo invade todo seu ser, impossibilita a sua libertação e impede o conhecimento de si mesmo. O Desconhecido é um homem totalmente entregue a essa engrenagem, permanecendo desconhecido para os outros e desconhecendo as possibilidades de sua individualidade:

*Quem sou? Onde estou? Que aconteceu? Não era com a mente que ele fazia estas perguntas angustiadas, nem elas chegavam articular-se em palavras e frases. Essas urgentes indagações em torno de identidade, tempo e espaço estavam subterraneamente contidas naquela ânsia aturdida. Era como um homem que, despertando em quarto escuro, procurasse às cegas num terror quase pânico, uma janela para o ar livre, para a luz.*²¹

Essas perguntas, feitas no início da narrativa, não são respondidas pelo homem de gris que, ao seu final, encontra-se impossibilitado de conferir valor a sua vida. A caminhada pela noite não lhe propicia qualquer esclarecimento sobre sua identidade, como não lhe oferece a possibilidade de estabelecer referenciais sobre o espaço habitado. Absurda e infrutífera é a trajetória como desprovida de significado é a vida pessoal desse homem. A corrupção do mundo urbano acaba por aturdir o ser humano, impossibilitando o reconhecimento de sua identidade e a descoberta de seu lugar nesse universo. Sem meios para se nomear, o Desconhecido parece encarnar "o drama do homem que não encontrou, na busca introspectiva, qualquer motivo transcendente de afirmação, nada que lhe desse, em termos apreensíveis, o sentido substancial, e não apenas existencial, dos seres e das coisas - da vida, enfim,"²² segundo o crítico de *Letras da Província*.

No entanto, o Desconhecido toma um primeiro impulso em direção ao conhecimento (de si e dos outros): parte para uma aventura no mundo da escuridão com o intuito de clarear as suas próprias indagações acerca de si mesmo e da sociedade na qual está enquadrado.

Nesse sentido é que se pode entender por que a obra deixou a crítica e os leitores desorientados naquele longínquo ano de 1954. Acostumados às narrativas anteriores de Erico, onde as personagens transitavam pelo mundo urbano, nele vivendo seus conflitos e dramas, mas também nele encontrando

21 Idem, p. 2.

22 VELLINHO, Moisés. Op. cit nota n. 3.

elementos para solucioná-los, a novela termina sem oferecer às perguntas do homem de gris.

Desfavorecido pela crítica e rejeitado pelos leitores por ter interrompido o ciclo de escrita de *O tempo e o vento* ou por ficar incompreendido enquanto produção de seu autor, *Noite* parece ficar mais iluminada quando a ela se aportam outros elementos que dizem respeito à ficção de Erico e presentes na escrita de sua trilogia. Aqui, como na pequena novela, o ficcionista joga com a duplicidade, fazendo dela uma de suas marcas. Tanto quanto em *Noite*, Erico oferece na trilogia dois planos em constante interação. Se aqui se trata do mito oposto à literatura, ou se de História em contraponto com a literatura na novela lançada apresenta-se o inconsciente em complemento ao consciente, o visível em contrapartida com o invisível, de modo a fazer do texto o lugar onde nada aparece sem seu contrário.

Dentro dessa perspectiva, então, *Noite* não se opõe às demais realizações ficcionais de Erico, mas apenas apresenta a relatividade sob novo enfoque e que não estava acostumado seu público leitor. Nem aqui, o narrador deixa de ser coerente consigo mesmo ou com os princípios que intenta mostrar através de sua ficção. Compreendendo a literatura como mimese da realidade, revelado pelo prazer da linguagem, Erico também ensina que à arte literária compete a função de iluminar o lado obscuro da existência onde estão inseridos.

E por que, afinal, *Noite* não pode ser entendida no tempo histórico de sua escrita quando ambos - escritor e leitor - buscam desvelar as forças ocultas que levaram o presidente a virar uma página da história de seu país? Não seria o narrador a personagem - o Desconhecido - que parte em companhia de outras à procura de luz para um momento crepuscular da sociedade brasileira? Não seria ele o homem que se lança a uma aventura (ou viagem) para iluminar seu caminho e dele sair transformado ou recuperado? Não seria o submundo noturno visitado por esse homem de gris os corredores ocultos da sociedade brasileira que tenta compreender o que se passa nos meandros de uma corte decadente? Não seriam prostitutas, cafetinas, comendadores, clérigos, homossexuais as figuras representativas do mundo nacional onde tudo se deteriora neste ano de 1954?

Alegoria de um tempo presente, *Noite* parece ter deixado estupefato a seu autor que, como todos os brasileiros, sentia-se incapaz de descobrir e compreender o oculto universo político brasileiro daquele conturbado ano de 1954. Neste caso, escrevendo *Noite* Erico Verissimo aventura-se em busca do que Jung denominou a "Mãe perdida" - a pátria amada, idolatrada - que, ontem como hoje, é propósito de todos encontrar.